

Após desacelerar por três meses, inflação oficial recua em junho

Em junho, a inflação oficial do País foi de -0,08%. A primeira taxa negativa do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 2023 indica uma deflação, algo que não se registrava desde setembro de 2022 (-0,29%).

Convém lembrar que após o desempenho de fevereiro (0,84%) o IPCA vem apresentando resultados decrescentes: 0,71% em março, 0,61% em abril, 0,23% em maio e -0,08% agora. No entanto, deve-se ressaltar que embora o movimento de desaceleração do processo inflacionário seja claro há divergências em torno de sua sustentabilidade e duração.

As principais razões para a pluralidade de opiniões ao redor da duração do atual recuo da inflação são o efeito sobre a taxa de câmbio provocada pelos baixos preços das commodities no mercado internacional e pelas indefinições sobre o cenário inflacionário nos EUA e na Europa. Além disso, domesticamente, ainda persiste certo descompasso entre os preços livres e os monitorados (aqueles cuja sensibilidade a fatores de oferta e demanda é menor, porém, não necessariamente são regulados pelo governo). A deflação tem sido mais observada justamente entre os preços monitorados.

Ademais, o IPCA acumulado no ano de 2023 é de 2,87%, 2,62 pontos percentuais (p.p.) abaixo do observado em junho de 2022 (5,49%). Na comparação dos últimos doze meses, o desempenho de agora corrobora o arrefecimento da inflação ao cair 0,78 p.p., saindo de 3,94% para 3,16% na passagem mês a mês.

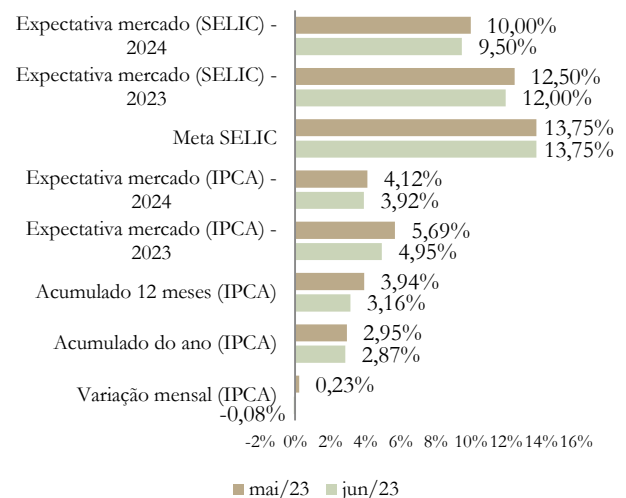
Outro alívio em junho veio do índice de difusão. Mensurado pelo Banco Central do Brasil (BACEN), o indicador mostra o percentual de itens com aumento de preços e fechou o mês em 49,6%. Assim, houve um corte de 6,37 p.p. no índice, retornando-o para patamar inferior ao dos 50%, o que não ocorria desde maio de 2020 (42,97%), época em que o processo inflacionário ainda não estava completamente instalado na economia brasileira. Já

entre os gêneros alimentícios o índice de difusão é de 46% e entre os não alimentícios é de 52%.

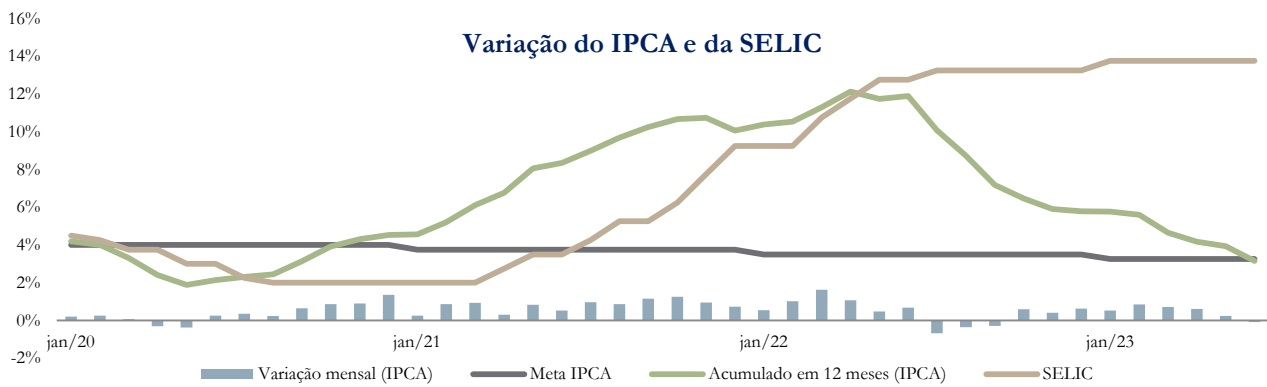
O principal impacto na deflação de junho foi dado pelo grupo de alimentação e bebidas (-0,08 p.p.) por conta do seu grande peso no índice e também pelo recuo do item alimentação no domicílio (-1,07%). Na sequência, figuram Transportes (-0,08 p.p.), artigos de residência (-0,02 p.p.) e comunicação (-0,01 p.p.). Por outro lado, a queda não foi maior por conta do movimento de alta em habitação (0,10 p.p.) e despesa pessoais (0,04 p.p.). Isoladamente, a chamada “inflação dos serviços” foi de 0,62% e a dos preços monitorados foi de 0,05%.

Nesse contexto, as expectativas de mercado para o IPCA no final de 2023 foram reduzidas pra 4,95%, o que representa uma queda de 0,47 p.p. nas últimas quatro semanas, segundo o relatório FOCUS de 07 de julho de 2023. Já para o final de 2024, a expectativa é de que a inflação oficial feche o ano em 3,92%. Mesmo sendo um cenário mais otimista do que o de meses anteriores, se realizada tais projeções, em ambos os casos, a meta de inflação não será cumprida. Além disso, para os preços administrados, espera-se que o nível seja de 8,95% no final de 2023 e de 4,50% em 2024. Por fim, o mercado acena com a possibilidade de o aperto monetário ser abrandado ainda este ano ao estimar que a SELIC feche em 12,00% no final de 2023. Só no final de 2024 é que se espera a SELIC abaixo de dois dígitos (9,50%).

Resultados



Fonte: IBGE e Bacen



Fonte: IBGE e BACEN

Em junho, quatro dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE apresentaram deflação diante do mês anterior: alimentação e bebidas (-0,66%), artigos de residência (-0,42%) transportes (-0,41%) e comunicação (-0,14%). Vale ressaltar que alimentos e bebidas e transportes são os grupos mais pesados dentro da cesta de consumo das famílias e, juntos, representam pouco mais de 42,0% do IPCA. Ademais, em conjunto, os quatro grupos que deflacionaram em junho respondem por 50,8% do IPCA.

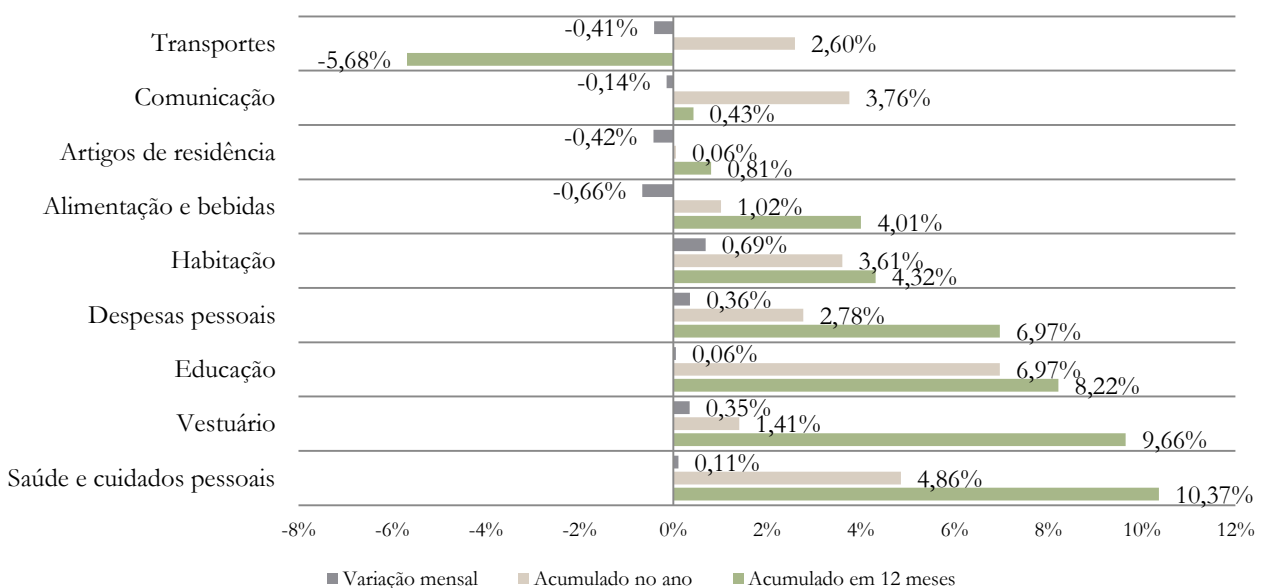
A deflação em alimentação e bebidas deve-se a redução dos preços na alimentação no domicílio (-1,07%) e a desaceleração da alimentação fora do domicílio (0,46%). Entre os itens, as principais quedas foram em óleo de soja (-8,96%) e leite longa vida (-2,68%).

Em transportes a deflação foi de -0,41%, impactando o índice em -0,08 p.p. O resultado foi provocado pelo recuo nos preços dos automóveis novos (-2,76%), dos automóveis usados (-0,93%). Além desses, todos os combustíveis apresentaram retração nos preços e somente a gasolina (-1,14%) gerou um impacto de -0,06 p.p. no IPCA de junho.

Por outro lado, entre os grupos inflacionistas o destaque foi habitação (0,69%) com impacto de 0,10 p.p. no IPCA. Importante lembrar que este grupo foi o segundo que mais impacto o IPCA em maio, com impacto idêntico ao de agora, gerando um sinal de alerta e de persistência inflacionária. Novamente, as contribuições mais significativas vieram da taxa de água e esgoto (1,69%) e da energia elétrica residencial (1,43%). Todavia, o movimento de alta só não foi maior porque como todos os combustíveis, o botijão de gás também caiu (-3,82%).

Os demais grupos que impactaram positivamente o IPCA em junho foram: despesas pessoais (0,04 p.p.), vestuário (0,02 p.p.), saúde e cuidados pessoais (0,01 p.p.) e educação (0,00 p.p.), cujas variações mensais foram de 0,36%, de 0,35%, de 0,11% e de 0,06%, respectivamente.

IPCA por agrupamento



Fonte: IBGE